

# PRECONCEITO SEXUAL: QUANDO A RELIGIÃO ATROPELA A CIÊNCIA

2013

**Valdeci Gonçalves da Silva**

Professor Titular de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutorando em Psicologia Clínica na Universidade de Évora. Especialista em Metodologia do Ensino de 3º grau. Mestre em Sociologia da Sexualidade

Email:

[valdecipsi@hotmail.com](mailto:valdecipsi@hotmail.com)

---

## RESUMO

O presente ensaio tem como objetivo questionar as perspectivas das pesquisas sobre a homossexualidade, mostrando as suas parcialidade e contradições em relação ao preconceito sexual. Embora a Associação Americana Psiquiátrica (APA) e a Organização Mundial da Saúde (OMS) tenham retirado à homossexualidade da categoria dos transtornos mentais, mesmo assim parece haver mais uma conformação com sua atenuação do que o propósito para sua extinção. Essa conduta é ainda mais contraditória quando se trata de ciência, a exemplo da psicologia, que reza pela aceitação incondicional do indivíduo, mas na sua atuação profissional admite o preconceito e cria mecanismos para lidar com sua interferência ao invés de focar na depuração do seu ranço preconceituoso. E por último, o senso comum que resiste ou pretere a retirada da homossexualidade da condição de doença, a favor de um livro religioso que clama pela condenação e morte dos homossexuais. Num mundo pós-moderno tolerante com as mudanças dos comportamentos sexuais heterossexuais, porém sem nenhum pudor atenta com a vida do outro, no caso o homossexual, e assim contraria o princípio de liberdade e amor ao próximo, uma vez que se apega de modo ferrenho a suposta aura sagrada dos milenares argumentos bíblicos, para manter e instigar o preconceito sexual.

**Palavras-chave:** Preconceito sexual, heterossexualidade, heterossexismo, homossexualidade, psicologia

“Os que se sentem ultrajados pela presença de homossexuais na vizinhança, que procurem dentro das próprias inclinações sexuais as razões para justificar o ultraje. Ao contrário dos conturbados e inseguros, mulheres e homens em paz com a sexualidade pessoal costumam aceitar a alheia com respeito e naturalidade” (Drauzio Varella).

## 1. INTRODUÇÃO

Na Grécia Antiga a pulsão não consistia em um único desejo e se direcionava para o belo (kalos) independente do gênero (Foucault, 1985, Catonné, 2001), ou seja, o homem livre da pólis mantinha intercurso sexual com sujeitos de ambos os sexos. O jovem grego, amado (erômenos), era iniciado por um homem idoso, amante (erastes), cuja função consistia em ensiná-lo a respeito das responsabilidades de cidadão. Assim, verdade e sexo se ligavam no repasse do saber (Foucault, 1993). A partir da instituição da homossexualidade, termo criado, em 1869, pelo húngaro Karoly Maria Benkert<sup>1</sup>, é que a heterossexualidade se constituiu como primazia em sexualidade-referência (Louro, 2009). Em 1957, Evelyn Hooker (2009) comparou amostras não clínicas de homossexuais e heterossexuais, e verificou a partir de testes que os homossexuais eram comparáveis aos seus pares heterossexuais. A Associação Americana Psiquiátrica (APA), em 1973, e a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1992, retiraram a homossexualidade da condição psiquiátrica, ou seja, da categoria dos transtornos mentais. Contudo, a homossexualidade ainda hoje é tida como condenação moral, criminosa e doentia. Assim sendo, rotineiramente lésbicas, gays, bissexuais e transgênicos (LGBT) sofrem discriminação e rejeição, bem como são estigmatizados por conta da sua orientação sexual, uma violência quase que generalizada num fenômeno mundial (Reyk, 1996; Herek, 2000; Nakajima, 2003; Massey, 2009).

## 2. DESENVOLVIMENTO

O termo *homofobia* é derivado do grego “homos”, que quer dizer “o mesmo” e “phobikos”, que significa “ter medo e/ou aversão a”, tendo sido utilizado oficialmente pela primeira vez por George Weinberg, em 1960, descreve atitudes antigay, medo irracional face às relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, inclui preconceito, discriminação, abuso verbal e atos de violência originados por esse medo e ódio, uma forma de psicopatologia individual num processo psicossociológico de subalternização, para garantir a heteronormatividade, manifestada pela

angústia de ver desaparecer a fronteira e a hierarquia da ordem heterossexual (Herek, 1984, 2004; Blumenfeld, 2004; Prado & Machado, 2008; Borrillo, 2010).

O termo homofobia suscita a noção clínica, individual, e não de um fenômeno ideológico que oculta à funcionalidade desse preconceito para quem o manifesta. Em razão disso, é motivo de críticas, porque o sujeito hostil a gays e lésbicas não tem reações fisiológicas comuns às fobias. Logo, não pode ser considerado verdadeiro fóbico (Logan, 1996; Davies, 1997; Herek, 2000). Em razão disso, é preferível a expressão *preconceito sexual* referindo-se as atitudes negativas frente a um indivíduo devido à sua orientação sexual, um sentimento heterossexual de hostilidade, antipatia que pode ser só sentido ou expresso abertamente, dirigido a um indivíduo ou a grupo estigmatizado (Allport, 1954; Smith, 1993; Herek, 2000).

O *preconceito* é uma atitude injustificável contra um grupo e seus membros individuais, e a *discriminação* se refere a uma conduta negativa contra os mesmos. A conduta discriminatória é frequentemente derivada do preconceito, mas, nem sempre, produzem atos hostis (Myers, 1995, cit. por Marinho, Marques, Almeida, Menezes & Guerra, 2004). Segundo Herek (2000) a expressão preconceito sexual é usada para caracterizar as atitudes negativas dos heterossexuais relacionadas: a) ao comportamento homossexual; b) as pessoas com orientação homossexual ou bissexual; e c) as comunidades de pessoas gays, lésbicas e bissexuais.

O termo *preconceito sexual* é direcionado, especificamente, ao um grupo minoritário, e o termo *heterossexismo* é utilizado de forma mais geral como um sistema ideológico que nega e estigmatiza o comportamento, a identidade, o relacionamento e a comunidade homossexual, como sendo inferior à heterossexualidade, isto é, se refere a tudo que não é heterossexualidade, prática discriminatória com base na crença da heterossexualidade como normal e superior (Herek, Kimmel, Amaro & Melton, 1991; Blumenfeld, 2000; Herek, 2004).

Ao dirigir a atenção popular e científica em relação à hostilidade antigay, a criação desses termos marcaram um divisor de águas, pois o preconceito sexual (homofobia) é provavelmente mais largamente usado e mais frequentemente criticado. Seus críticos observam que a homofobia implicitamente sugere que as atitudes antigay são melhores entendidas como um medo irracional e que representam uma forma de psicopatologia individual, em vez de um preconceito socialmente reforçado (Herek, 2000). Mas o heterossexismo, por si só, já não consiste numa predisposição para o preconceito sexual? Além disso, em muitas culturas a mídia, em geral, e os programas televisivos, em especial, utilizam a figura do gay caricato como recurso nas suas produções de humor.

O estigma sexual refere-se ao conhecimento compartilhado de que a homossexualidade é denegrada, e o heterossexismo (subtendido heteronormatividade) refere-se a ideologia cultural que promove essa antipatia, a tarefa continua para explicar as diferenças entre os indivíduos na forma como incorporam a antipatia em suas atitudes e representam por meio de suas ações. A

ampla aceitação da idéia de que a hostilidade contra os homossexuais é um fenômeno que merece atenção, representou um avanço significativo para a causa de gays e lésbicas, e dos direitos humanos (Herek, 2004). Para Kimmel (1997), a homofobia contemporânea é, em última análise, o medo dos homens de outros homens, ou seja, o medo de um homem que outros homens poderão expô-los como insuficientemente masculino. Portanto, esse é um medo emergente, uma vez que nada é feito para eleborá-lo, certamente consistirá numa predisposição que alimentará o preconceito.

A condenação da homossexualidade pode ter pouco a ver com o medo pessoal e muito mais a ver com os seus valores religiosos. Rotulando-se homofóbico obscurece as verdadeiras fontes da sua hostilidade. Assim, a evolução da ideologia antigay e a incompreensão da sociedade com a homossexualidade, destacam os problemas inerentes que dependem da terminologia que, tomada literalmente, explica a hostilidade contra as minorias sexuais como última instância decorrente desse medo (Herek, 2004).

Herek (2004) destaca cinco pontos sobre o estigma: 1) o estigma refere-se a uma condição permanente ou atributo, uma marca física ou figurativa apresentada por um indivíduo; 2) o atributo ou a marca não é inerentemente significativo, mas está ligado a esses significados por meio da interação social; 3) o significado atribuído à marca pelo grupo dominante ou pela sociedade envolve uma avaliação negativa. O atributo é entendido por todos para significar que o seu portador é um vilão, criminoso ou merecedor do ostracismo social, infâmia, vergonha e condenação. Assim, o estigmatizado não é simplesmente diferentes dos outros, a sociedade o descredita a partir do julgamento do seu “desvio” (grifo nosso). Membros individuais da sociedade podem variar no modo como pessoalmente respondem a um estigma particular, mas todos compartilham com o conhecimento de que a marca é reconhecida negativamente; 4) a característica do estigma é que engolfa toda a identidade da pessoa que o tem. Estigma não implica desaprovação social de apenas um aspecto de um indivíduo, como poderia ser o caso de um hábito irritante ou uma falha menor de personalidade. Pelo contrário, ele supera todos os outros traços e qualidades. Uma vez que sabem sobre o estado estigmatizado de uma pessoa, respondem ao indivíduo, especialmente, em virtude do estigma; 5) os papéis do estigmatizado não são simplesmente complementares ou simétricos, diferenciam-se por pertença. Grupos estigmatizados têm menos poder e acesso a recursos do que os *ditos* (acrescimo nosso) normais.

Estigma com base na orientação sexual tem sido comum ao longo do século XX (Herek, 2000). Nesse sentido, Goffman (1988) destaca que tanto os estigmatizados quanto os “normais” (termo usado por ele para os não-estigmatizados) são papéis sociais, e as expectativas associadas com ambos os papéis são compreendidas por todos, independentemente do seu próprio *status*. O estigma sexual refere-se ao conhecimento compartilhado de relação negativa da sociedade para qualquer comportamento não heterossexual, identidade, relação ou comunidade. A última

consequência do estigma sexual é um diferencial de poder entre heterossexuais e não heterossexuais. O estigma expressa e perpetua um conjunto de relações hierárquicas dentro da sociedade, em cuja hierarquia de poder e *status* a homossexualidade é desvalorizada, considerada inferior à heterossexualidade. Os homossexuais, seus relacionamentos e suas comunidades são considerados doentes, imorais, criminosos ou, na melhor das hipóteses, abaixo do ideal em comparação com o que é heterossexual (Herek, 2004).

O preconceito sexual que se visibiliza está sobre o lastro do heterossexismo que, de diversas formas, o fomenta. O *heterossexismo psicológico* se manifesta nas atitudes e ações de um indivíduo; e o *heterossexismo cultural* se dá por meio dos costumes e instituições sociais. A dinâmica entre esses segmentos motiva assédio antigay, no qual inclui expressões verbais e violências físicas contra LGBT (Reyk, 1996; Herek & Capitanio, 1996; Herek, 1991, 2000). O heterossexismo se caracteriza como um display sistêmico da homofobia nas instituições da sociedade que cria o clima para a homofobia com a suposição de que o mundo é e deve ser heterossexual e sua exibição de poder e privilégio como norma (Pharr, 1988).

Na opinião de Herek (2004), há três campos gerais nos quais a hostilidade baseada na orientação sexual devem ser estudadas: 1) na forma de conhecimento compartilhado, que se materializa em ideologias culturais e definem a sexualidade, que marca grupos sociais com base nessas ideologias e atribui valor a esses grupos e aos seus membros; 2) estas ideologias são expressas evidentemente por estruturas sociais, instituições e relações de poder; 3) os indivíduos internalizam essas ideologias e, por meio de suas atitudes e ações, reforçam a desafiá-las. Enfim, a hostilidade antigay se refere a três aspectos, respectivamente, estigma sexual, heterossexismo e preconceito sexual.

Segundo Herek (2004), o preconceito sexual é usado para se referir a atitudes negativas heterossexuais em relação aos comportamentos homossexual, de pessoas que se envolvem em comportamento homossexual ou que se identificam como gays, lésbicas ou bissexuais, e as comunidades de gays, lésbicas e bissexuais: 1) o preconceito é uma atitude, especificamente uma predisposição psicológica ou tendência para responder a uma entidade com uma avaliação positiva ou negativa. Uma vez formada, as atitudes podem orientar futuras ações de um indivíduo; 2) a atitude é realizada em direção a um grupo social e seus membros. Os alvos do preconceito são avaliados com base na sua participação no grupo, e não nas suas qualidades individuais; 3) o prejulgamento é tipicamente uma atitude negativa envolvendo, por exemplo, hostilidade ou antipatia. O preconceito antigay se explica como um subconjunto do sexismo, por meios dos argumentos de que a homossexualidade evoca hostilidade porque é equiparada a violação das normas de gênero (Kite & Whitley, 1998). De fato, a orientação sexual de uma pessoa é muitas vezes inferida na medida em que está de acordo com a expectativa do seu papel

de gênero, desse modo, o homossexual com visibilidade é, por essa característica, um transgressor de gênero.

Os homens heterossexuais, geralmente, apresentam níveis mais elevados de preconceito sexual do que mulheres heterossexuais, e os gays são alvo de mais violência e de crimes mais severos do que os praticados contra lésbicas (Herek & Capitano, 1996; Kite & Whitley, 1998; Yang, 1998; Pereira, 2004; Fernandes, 2011). Poucas pesquisas tem sido dedicada ao entendimento da dinâmica dos processos cognitivos associados com atitudes antigay e estereótipos (como os heterossexuais pensam sobre lésbicas e homens gays) nem intensa sistematização de inquérito para compreender as motivações subjacentes ao preconceito sexual ou a eficácia das diferentes intervenções para reduzi-lo. Muitas pesquisas empíricas neste área tem sido limitada por focar, implícita ou explicitamente, as atitudes heterossexuais para com os homens gays. Conceituar hostilidade tal como preconceito sexual, representa um passo para alcançar uma compreensão científica das suas origens, dinâmicas e funções. Talvez, o mais importante seja que esse entendimento possa ajudar a prevenir o comportamento de expressão do preconceito sexual por meio da violência, da discriminação e do assédio (Herek, 2000).

Herek, Cogan e Gillis (2002) salientam que os crimes cujos alvos são indivíduos por causa da sua orientação sexual, referidos como crimes de ódio, são agora entendidos, pelo menos nos Estados Unidos, como um problema social grave. Esse reconhecimento tem sido facilitado, em parte, pela pesquisa empírica mostrando que a vitimização por crime de ódio é frequente na população de lésbicas, gays e bissexuais, e que são menos propensos do que outros crimes de serem comunicados às autoridades policiais. A maioria dos agressores eram adolescentes ou adultos jovens. Das 304 vítimas, 61% foram capazes de estimar a idade do agressor entre 13 a 25 anos. Quanto a raça, a maioria dos perpetradores eram brancos. Dos 302 entrevistados identificaram, 69% um ou mais autores brancos, 19% relataram pelo menos um latino-americano, e 17% pelo menos um preto. A brutalidade física e psicológica dos crimes de ódio resulta numa intensificada e prolongada aflição psicológica ou trauma, após o crime. Numa pesquisa realizada, em 2007, por Kosciw, Diaz e Greytak (cit. por Mata, Ghavami & Wittig, 2010), com mais de 6.200 lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT), alunos do ensino fundamental e médio, 86% relataram ter sofrido assédio verbal, 44% disseram ter sido assediados fisicamente, e 22% de que foram agredidos fisicamente na escola por conta de sua orientação sexual.

Na escala de Larsen, Reed e Hoffman (1980), indica algumas descobertas importantes: aqueles alunos que conheciam uma pessoa gay relatou atitudes mais positivas em relação aos homossexuais de ambos os sexos; os homens heterossexuais eram menos propensos a ter contato com homem gay do que as mulheres heterossexuais com lésbica; os resultados demonstraram que os entrevistados relataram mais homofobia em relação ao mesmo sexo do que em relação ao sexo

oposto. Assim, os resultados sugerem que conhecer homem gay ou lésbica contribui para as diferenças de gênero nas atitudes com relação a esses dois grupos-alvo (Whitley, 1990). Cabe ressaltar que, no contexto da educação, se faz necessária a capacidade de resiliência dos sujeitos LGBT para frequentarem a escola a ponto de estabelecer vínculo de amizade com os heterossexuais. Na verdade, muitos desistem de estudar porque nos ensinos médio e secundário são rotineiramente locais de assédio moral para os alunos que são gays ou desviam das normas de gênero (Smith, 1998).

A visibilidade do aumento dos homossexuais masculinos pode promover o sucesso do movimento gay, o que implica que a efeminação em homossexuais masculinos foi motivo de atitudes anti-gay. Traços femininos foram encontrados como dados negativos para homens gays. Esse antagonismo define os papéis heterossexuais masculinos, bem como afirma que a homofobia é o grande segredo da masculinidade americana: medo de outros homens (MacDonald & Games, 1974; Kimmel, 2004, cit. por Massey, 2010).

As implicações desta relação indica que uma das maneiras que o privilégio heterossexual atua é por naturalizar-se e tornar-se como original, a “norma”, e da existência de identidades de gênero transgressoras, a exemplo dos gays, pode servir para expor a heterossexualidade como uma imitação incessante e pânico de sua própria idealização naturalizada, porque a heterossexualidade se define por um ideal que não pode ser obtido, portanto, deve-se constantemente policiar suas fronteiras contra a invasão dessa estranheza. A existência de não-heterossexuais fratura e expõe esse ideal como ficção. As tensões que isso cria pode ter efeitos negativos e consequências na forma de preconceito hostil (Butler, 1993; Massey, 2010).

Dados da realidade americana apontam que, embora os heterossexuais agora possam ser menos propensos a expressarem abertamente atitudes hostis e de comportamento em relação a gays e lésbicas, muitos continuam manifestando desconforto ou aversão a proximidade e evitam interação (Newport, 2001, cit. por Massey, 2009). Há evidência de que as formas de preconceito sexual “à moda antiga” estão cada vez mais sendo substituídas por expressões mais sutis de preconceito. O termo “fora de moda” foi substituído por “tradicional” para enfatizar que a condenação de gays e lésbicas não é um “fora de moda” (Sears, 1988, cit. por Massey, 2009), mas continua a ser uma forma de preconceito sancionada, demonstrando maior resistência à influência de desabilitação social do que muitas outras formas de preconceito (Whitley, 1999).

Apesar desse quadro explícito de violências simbólicas e reais contra os LGBT, os pesquisadores trabalham na perspectiva, não da extinção do preconceito, mas da sua atenuação, e deixam transparecer com isso a ideia de missão cumprida, a exemplo de Jayakumar (2009), Meyer, Ouellette, Haile e McFarlane (2011), quando salientam que os pesquisadores devem compreender como as instituições de ensino superior estão lidando com o preconceito sexual e o que pode ser feito para facilitar maiores níveis de aceitação, uma vez que, a *redução do estigma e*

*do preconceito* (grifo nosso) é um passo necessário no sentido de proporcionar às pessoas LGB a sensação de segurança. Nesse caso, em relação ao grupo dos, digamos que, mais supostamente tolerável, lésbica, gay e bissexual, deixa implícito que os transgêneros estão fora do âmbito da escola como um grupo menos ainda tolerável.

Essa postura de atenuação também é verificada no fazer da psicologia que também não manifesta o propósito extinguir o preconceito sexual, mas de sustá-lo durante o atendimento, para que não interfira no processo psicoterápico, como destaca esta fala: “o terapeuta deve adotar uma posição de ignorância, o que implica comunicar ao cliente uma genuína curiosidade. Não se negam os preconceitos que o terapeuta tem devido à sua experiência, mas espera-se que a escuta permita que essa experiência prévia não impeça o acesso ao significado que o cliente faz da sua própria experiência” (Moita, 2001, p.165). Certamente isso ocorre porque tratar a homossexualidade apenas com o olhar da despatologização implique em desconsiderar seu caráter político, não só nos grupos que pretendem re-patologizar e fornecer serviços psicoterapêuticos para “curá-la”, mas, também, por conta de uma corrente da psicologia que concordou que a heterossexualidade é o único modo possível de sexualidade saudável (Oliveira, 2010).

Na visão de Hodges (2004), há uma série de desafios para a psicologia compreender o que constitui preconceito sexual e o crime homofóbico, para o desenvolvimento de intervenções que podem contribuir para o apoio às vítimas, a reabilitação dos delinquentes e a prevenção da recorrência. Em relação ao papel da investigação, se quisermos combater a homofobia e preconceito sexual eficaz - tanto dentro como fora de psicologia - temos de compreender as relações complexas entre a experiência vivida (abuso homofóbico), o social e os processos culturais (incluindo o impacto das políticas públicas e outras) que os formam e os moldam.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Uma vez que a homossexualidade foi retirada da categoria das doenças mentais, então não teria razão para não mais aceitá-la como normal, uma variável da sexualidade. Mas, apesar disso a ciência se mostra reticente de ter ações pró-ativas em relação às questões LGBT, nesse vácuo, a religião sobrepõe com seus mandamentos, a exemplo do Levítico (19, 20 - Bíblia Sagrada. AT e NT), que diz: “se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável; serão mortos; o seu sangue cairá sobre eles”, sem que nada nessa afirmativa tenha sido alterado. Contraditoriamente, o senso comum que tanto credita à ciência, entretanto, quando se trata da homossexualidade, a pretere, e usa sem pudor, para justificar e alimentar seu preconceito, em particular, esse argumento devido à atribuída aura sagrada da

Bíblia. Nesse contexto, a ausência de reprodução se salienta como causa primeira desse pecado ou crime.

Assim sendo, as pesquisas teriam que centrar não apenas na atenuação do preconceito, mas na sua extinção, com base nos questionamentos sobre as razões pelas quais se sustenta e leva as pessoas a preterirem, ignoram ou menosprezarem o saber científico em relação aos fundamentos bíblicos. Mas os investigadores não conseguem se desvencilhar do próprio preconceito, embora possam concordar com a ideia da homossexualidade como não doença, no entanto, só em parte admitem que os homossexuais tenham os mesmos direitos destinados aos heterossexuais.

Desse modo, é possível sintetizar a questão do preconceito a partir de três núcleos de contradições: a) em relação ao senso comum que pretere a ciência a favor dos fundamentos escritos há milênios, resistindo à ideia, por vezes ferozmente, da homossexualidade como uma condição normal da sexualidade humana; b) em relação à ciência, em especial, a psicologia que reza no seu Código de Ética pela aceitação do ser humano independente de credo, cor e sexualidade, e que mesmo reconhecendo a homossexualidade como não doença não consegue ter um olhar totalmente isento de preconceito tanto nos seus fundamentos teóricos quanto na sua atuação profissional; c) em relação aos pesquisadores que, nas suas investigações, parecem mais a serviço do dominante, do heterossexismo, da normatização da sexualidade do que em adentrar as complexidades intrínsecas ao mal estar ou as inquietações que causam os sujeitos LGBT à sociedade majoritariamente e “compulsoriamente heterossexual” (Wittig cit. por Butler, 2003), antes de qualquer questão, pelo simples fato de existirem. Finalmente, o campo científico continua com a mesma proposta explícita ou subjacente de não extinguir a discriminação sexual, mas de atenuá-la, essa atitude colabora para manter a perpetuação do preconceito sexual.

#### NOTA:

1. Há controvérsias sobre a profissão, sobrenome e nacionalidade de Benkert, para Green (2000) ele era um escritor vienense, e para Mott (2003) era o jornalista e advogado Kertbeny, que usava o pseudônimo de Dr. Benkert.

#### 4. REFERÊNCIAS

- Allport, G.W. (1954). *The nature of prejudice*. Cambridge, MA: Addison-Wesley.
- BÍBLIA sagrada. (1993). N.T. *Levítico*. (2ª ed.). São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, Cap. 20, pp.113.
- Blumenfeld, W. J. (2000). "Heterosexism: Chapter introduction". In *Readings for diversity and social justice: An anthology on racism, anti-Semitism, sexism, heterosexism, ableism, and classism*, Edited by: Adams, M., Blumenfeld, W., Casteñeda, R., Packman, H. W., Peters, M. L. and Úñiga, X. Z. 15-21. New York: Routledge.
- Blumenfeld, W. J. (2004). *Conceitos de homofobia e heterossexismo*. Recuperado em 14 março, 2013, de <http://homofobia.com.sapo.pt/definicoes.html>.
- Borrillo, D. (2010). *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Trad. Guilherme J. F. Teixeira. Belo horizonte: Autêntica.
- Butler, J. (1993). *Bodies that matter: On the discursive limits of "Sex"*. New York, NY: Routledge.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. R. Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Catonné, J-P. (2001). *A sexualidade ontem e hoje*. (2ª ed.). São Paulo: Cortez. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 40).
- Davies, D. (1997). Homophobia and heterosexism. In D. Davies & C. Neal (Ed.), *Pink therapy: A guide for counselors and therapists working with lesbian, gay and bisexual clients* (pp. 41-65). Buckingham: Open University Press.
- Fernandes, S. C. (2011). *Homofobia: percepção dos discursos sociais e experiência de vitimação de homossexuais*. Dissertação de mestrado. Departamento de Psicologia. Universidade do Minho.

Foucault, M. (1985). *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. (11ª ed.). Trad. Maria T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, M. (1993). *Vigiar e punir: histórias da violência nas prisões*. (2ª ed.). Trad. L. M. P. Vassallo. Petrópolis: Vozes.

Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (4ª ed.). Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: Guanabara.

Green, J. N. (2000). *Além do carnaval: a homossexualidade no Brasil do século XX*. Trad. C. Fino e C. A. Leite. São Paulo: Ed. UNESP.

Herek, G. M. (1984). Beyond “homophobia”: A social psychological perspective on attitudes toward lesbians and gay men. *Journal of Homosexuality*, 10(1/2), 1-21.

Herek, G. M. (1991). Stigma, Prejudice, and Violence Against Lesbians and Gay Men. In J. C. Gonsiorek & J. D. Weinrich (Eds.). *Homosexuality: Research implications for public policy* (pp. 60-80). Newbury Park, CA: Sage.

Herek, G. M. (2000). The psychology of sexual prejudice. *Current Directions in Psychological Science*, 9(1), 19-22.

Herek, G. M. (2004). Beyond “Homophobia”: Thinking About Sexual Prejudice and Stigma in the Twenty-First Century. *Sexuality Research & Social Policy Journal of NSRC*, 1 (2), 6-24.

Herek, G., Kimmel, D., Amaro, H., & Melton, G. (1991). Avoiding heterosexist bias in psychological research. *American Psychology*, 44, 957-963.

Herek, G. M., & Capitano, J. P. (1996). “Some of My Best Friends”: Intergroup Contact, Concealable Stigma, and Heterosexuals’ Attitudes Toward Gay Men and Lesbians. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 22(4), 412-424.

Herek, G. M., Cogan, J. C., & Gillis, J. R. (2002). Victim Experiences in Hate Crimes Based on Sexual Orientation. *Journal of Social Issues*, 58(2), 319-339.

Hodges, I. (2004). Homophobia, disgust and the body: Towards a psycho-social approach to sexual prejudice. *Lesbian and Gay Psychology Review*, 5, 82-88.

Hooker, E. (2009). A Brief History of Sexual Orientation Change Efforts: Affirmative Approaches: Kinsey; Ford and Beach; and Hooker. In APA Task Force on Appropriate Therapeutic Responses to Sexual Orientation. *Report of the Task Force on Appropriate Therapeutic Responses to Sexual Orientation*. Washington, DC: American Psychological Association. Retrieved January 12, 2013, from [www.apa.org/pi/lgbq/publications/](http://www.apa.org/pi/lgbq/publications/)

Jayakumar, U. M. (2009). The Invisible Rainbow in Diversity: Factors Influencing Sexual Prejudice Among College Students. *Journal of Homosexuality*, 56(6), 675-700.

Kimmel, M. S. (1997). Masculinity as homophobia: Fear, shame and silence in the construction of gender identity. In M. M. Gergen & S. N. Davis (Eds.), *Toward a new psychology of gender* (pp.223-242). New York: Routledge.

Kite, M. E., & Whitley, B. E., Jr. (1998). Do heterosexual women and men differ in their attitudes toward homosexuality? A conceptual and methodological analysis. In G. M. Herek (Ed.), *Stigma and sexual orientation: Understanding prejudice against lesbians, gay men, and bisexuals* (pp. 39-61).

Larsen, K. S., Reed, M., Hoffman, S. (1980). Attitudes of heterosexuals toward homosexuality: A Likert-type scale and constructive validity. *Journal of Sex Research*. 16, 245-257.

Larsen, B. W. (2007). *Student Perceptions of Heterosexual Bias in Doctoral Level Psychology Programs*. Master's thesis. Pacific University. Retrieved February 2, 2013, from: <http://commons.pacificu.edu/spp/34>

Logan, C. (1996). Homophobia? No, Homoprejudice. *Journal of homosexuality*, 31(3), 31-53.

Louro, G. L. (2009). Heteronormatividade e homofobia. In Junqueira, R. D (Org.) *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO.

MacDonald, A. P., & Games, R. G. (1974). Some characteristics of those who hold positive and negative attitudes toward homosexuals. *Journal of Homosexuality*, (1), 9-27.

Massey, S. G. (2009). Polymorphous Prejudice: Liberating the Measurement of Heterosexuals' Attitudes Toward Lesbians and Gay Men. *Journal of Homosexuality*, 56 (2), 147-172.

Massey, S. G. (2010). Valued differences or benevolent stereotypes? Exploring the influence of positive beliefs on anti-gay and anti-lesbian attitudes. *Psychology & Sexuality*, 1 (2), 115-130.

Marinho, C. A., Marques, E. F. M., Almeida, D. R., Menezes, A. R. B., & Guerra, V. M. (2004). Adaptação da escala de homofobia implícita e explícita ao contexto brasileiro. *Paidéia*, 14(29), 371-379.

Mata, J., Ghavami, N., & Wittig, M.A. (2010). Understanding Gender Differences in Early Adolescents' Sexual Prejudice. *J Early Adolesc.* 30(1). 50-75.

Meyer, I. H., Ouellette, S. C., Haile, R., & McFarlane, T, A. (2011). "We'd Be Free": Narratives of life without homophobia, racism, or sexism. *Sexuality Research and Social Policy*. 8(3), 204-214.

Moita, M. G. M. N. (2001). *Discursos sobre a homossexualidade no contexto clínico: a homossexualidade de dois lados do espelho*. Tese de doutoramento. Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar. Universidade do Porto.

Nakajima, G. A. (2003). The emergence of an international lesbian, gay, and bisexual psychiatric movement. *Journal of Gay & Lesbian Psychotherapy*, 7(1/2), 165-188.

Mott, L. (2003). *Crônicas de um gay assumido*. Rio de Janeiro: Record.

Oliveira, J. M. (2010). Orientação Sexual e Identidade de Género na psicologia: notas para uma psicologia lésbica, gay, bissexual, trans e queer. In Nogueira, C., & Oliveira, J. M. (Orgs.). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*. Porto: Clássica - Artes Gráficas, S.A.

Pharr, S. (1988). *Homophobia: A weapon of sexism*. Inverness, CA: Chardon Press.

Pereira, A. S. L. S. (2004). *Representações Sociais do Homossexualismo e Preconceito contra Homossexuais*. Mestrado em Psicologia. Universidade Católica de Goiás.

Prado, M. A. M., & Machado, F. V. (2008). *Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez.

Reyk, P. (1996). *Homophobia, hate and violence against lesbians and gays in NSW: An overview of some studies*. Retrieved January 1, 2013, from [http://aic.gov.au/media\\_library/publications/proceedings/27/vanreyk.pdf](http://aic.gov.au/media_library/publications/proceedings/27/vanreyk.pdf)

Smith, E. R. (1993). Social identity and social emotions: Toward new conceptions of prejudice. In D. M. Mackie & D. L. Hamilton (Orgs.), *Affect, cognition and stereotyping: Interactive processes in group perception* (pp. 297-315). San Diego: Academic Press.

Smith, G. W. (1998). The ideology of "fag": The school experience of gay students. *Sociology Quarterly*, 39, 309-335.

Whitley, B. E. (1990). The relationship of heterosexuals' attributions for causes of homosexuality to attitudes toward lesbians and gay men. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 16, 369-377.

Whitley, B. E. (1999). Right-wing authoritarianism, social dominance orientation, and prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77, 126-134.

Yang, A. (1998). *From wrongs to rights: Public opinion on gay and lesbian Americans moves toward equality*. Washington, DC: National Gay and Lesbian Task Force Policy Institute.